

Credores querem entendimento

Roberto Garcia

WASHINGTON — Apesar das muitas reservas que continuam manifestando sobre a política econômica do governo, credores estrangeiros do Brasil desejam fechar um acordo com o país tão rapidamente quanto possível. "Achamos que a existência de um pacto qualquer do Brasil com os bancos ajudará a estabilizar a economia e estimulará uma política responsável", disse um membro do comitê de 14 bancos que representa todos os credores do país nas negociações sobre a dívida.

Por causa disso, negociadores dos bancos afirmam que ouvirão com boa vontade as novas propostas trazidas por Fernando Milliet e procurarão amarrar um acordo tão conveniente quanto possível para os dois lados. Eles não atribuem grande importância a muitas das condições que estão sendo expressas publicamente pela nova equipe econômica do governo brasileiro, considerando que elas são dirigidas para consumo interno no Brasil. Desde que assumiu o ministério da Fazenda Mailson da Nóbrega tem enviado sinais de que deseja regularizar o pagamento dos juros e os bancos estão dispostos a ajudar o Brasil a fazer isto. Eles estão conscientes de que terão que refinarçar parte dos juros, embora afirmem por enquanto que só querem financiar a metade, ao invés dos 60% que o governo brasileiro pleiteia.

As reservas expressadas pelos bancos continuam as mesmas que têm cercado as negociações nos últimos dois anos. Eles

acham indispensável um acordo do Brasil com o FMI, bem como a administração da economia interna com mais rigor. Os banqueiros dizem que não é mais possível ouvir afirmações de desejo do governo de assinar o acordo com o FMI. "Chegou a hora de convocar uma equipe de técnicos do Fundo, iniciar as negociações e assinar logo uma carta de intenção", acrescentou a mesma fonte.

Os banqueiros também dizem que é indispensável reduzir os déficits do governo federal, abrir a economia e estimular rigorosos programas de exportações. "Sabemos que a balança comercial está melhor, mas sem medidas de disciplina interna os avanços dos últimos meses desaparecerão, da mesma forma que sumiram no período do Cruzado", disse um banqueiro.

Apesar da intenção clara dos bancos em negociar seriamente, há temores de impasse. Eles acham que o chefe da equipe brasileira, Fernando Milliet, não tem experiência como negociador, é arrogante e tem maneiras imperiais. Por causa disso, poderão ocorrer atritos e atrasos na elaboração de um documento de acordo.

Há uma certa preocupação com a possibilidade de o Brasil vir a insistir nos mesmos termos conseguidos pelo México, embora não tenha tomado as mesmas medidas de estabilização da economia adotada pelo governo de La Madri nos últimos anos. Se o governo Sarney desejar um esquema de conversão da dívida semelhante ao do México, as negociações demorariam vários meses.